



Não aceitar a capitulação do CAELL quando a greve ainda não esgotou suas forças e temos condições para ir às ruas e arrancar as reivindicações da reitoria e do governo!

Rebeldia deve ser impedida de seguir à frente da direção da greve se for aprovada sua continuidade! Não pode seguir à frente das assembleias grevistas os não-grevistas que já aceitaram as migalhas da reitoria! É hora de desmascarar a capitulação do Rebeldia!

O peleguismo das correntes que compõem o DCE não é novidade para os estudantes de Letras. Desde antes de aprovada a greve no curso que essas correntes já trabalhavam para impedir que a greve começasse, e agora trabalham para que a greve se encerre prematuramente, quando essa ainda não esgotou suas forças e existem condições para reverter o quadro de desmobilização imposto pelas direções. A direção do CAELL (Rebeldia/PSTU), por outro lado, soube disfarçar durante essas últimas semanas seus propósitos da maioria dos estudantes de Letras, mudando decisões que não eram bem recebidas, fazendo mea-culpa e, principalmente, por meio de discursos incoerentes com suas práticas.

Isto até o dia 18/10, quando foi publicada uma nota que ficou conhecida por alguns como “manifesto antigreve”. A nota foi redigida e assinada pelas correntes que compõem o DCE (UJC/PCB-RR, Juntos/PSOL, Correnteza/UP) e outras correntes do PSOL (Afronte, RUA). Mas também foi assinada pelo Rebeldia, mesmo eles tendo votado a favor da greve na Letras. Na noite do mesmo dia, aconteceu a assembleia geral. O plenário se manifestava com aplausos às falas favoráveis à continuidade da greve, e com vaias às falas contrárias, incluindo às das direções. A mesa tentava inibir tais manifestações, até mesmo com ameaças de encerrar a assembleia. Negou-se a ver contraste e pediu que se pusessem favoráveis e contrários de cada lado para contagem dos votos. Foi um verdadeiro divisor de águas. À direita da mesa ficaram os contrários: todas as direções e correntes que se opunham à greve, incluindo o CAELL. À esquerda ficaram os independentes e umas poucas correntes favoráveis à continuidade da greve. Uma diferença de 172 votos dentre cerca de 600 votantes, um claro contraste. Considerando que as assembleias, até então, vinham aprovando a continuidade da greve de forma quase unânime, esta foi a prova cabal de que as direções vinham trabalhando pelo fim da greve e que acreditaram que aquela assembleia estaria esvaziada o bastante para

que conseguissem encerrar a greve naquele momento. Um erro de prognóstico expôs o peleguismo das direções e fez com que seus planos fossem por água abaixo.

Apesar de ter sido essa a prova irrefutável da capitulação e dupla face do Rebeldia (exceto, possivelmente, para uns poucos apoiaadores incondicionais da corrente), a insatisfação com a direção do CAELL já vinha crescendo há um tempo. Muitos estudantes começaram a reclamar das assembleias, dizendo que elas não eram democráticas, e até que elas precisavam ser “reformuladas”. Diziam que se sentiam exaustos e julgados pela direção do CAELL e por alguns delegados do comando de greve da Letras por não participarem ainda mais das atividades. Quem está fora do movimento e ouve tais reclamações poderia até pensar que esses estudantes estão contra o movimento, deslegitimando a assembleia. Mas não se trata disso. A base, guiada por seu instinto, sabe quando há algo de errado, mesmo que não saibam a melhor forma de expressá-lo ou de enfrentar situação. Perceberam que as assembleias têm sido manobradas pelo fim da greve e não têm servido democraticamente aos interesses da base. Sem saberem explicar o que sentem, criticam diretamente a assembleia, em vez da mesa que a dirige.

Para não transparecer sua oposição à greve, a direção do CAELL diz não saber como resolver a desmobilização do curso e pede que a base o faça. Sabe que a base não vai encontrar, em tempo hábil, a solução do problema. Desta forma, dirime-se de seu papel de direção, propicia a desmobilização do curso e ainda oculta, no discurso, seus interesses. Ao mesmo tempo em que deixa aberta a porta para se justificar de que a base não “teve forças”, quando foi o CAELL que trabalhou contra a organização de greve ativa, radicalizada e politizada. Se bem as atividades de greve foram elaboradas pelas comissões de habilitação, e os GTs, sob a justificativa de que eram a vanguarda do movimento, o CAELL se omitiu de dar uma centralização e orientação de luta às atividades gerais de greve. Nunca mostrou qualquer iniciativa para se apoiar na disposição de luta das assembleias na Letras para organiza-la como vanguarda do movimento geral da USP, para que participassem organizadas nas assembleias gerais e tomar a frente nas atividades da greve ativamente etc. Assim, a força dos estudantes definha e encerra nas discussões particulares de cada GT ou comissão, e se esgota em inúmeras atividades culturais e debates que não servem para radicalizar e impulsionar uma greve ativa. Aí é que está a origem do cansaço e da sensação de ser julgado pela direção e por parte do comando por não participar, pois, na prática, a direção está jogando sobre a base a responsabilidade de garantir e dirigir a greve quando ela já se posicionou contra e impediou os estudantes mostrar toda sua força na greve contra a reitoria.

Outra forma como o Rebeldia está matando a greve na Letras é isolando a luta dentro da FFLCH. Já vinha tentando fazer isso desde o início, cobrando retratação do Paulo Martins e fazendo abaixo-assinado pela renúncia dele. Agora, faz atos em frente à congregação da FFLCH para abrir debate com a direção da FFLCH sobre a distribuição das vagas de professores na unidade. Ora, não há muito o que se debater a respeito, O MÉTODO DE DISTRIBUIÇÃO DEVE SER ARITMÉTICO: OS CURSOS QUE MAIS NECESSITAM DE PROFESSORES, I.E., ONDE MAIS FALTAM PROFESSORES, SÃO OS CURSOS QUE MAIS DEVEM RECEBER PROFESSORES, PROPORCIONALMENTE. Isto vale para a FFLCH, para cada habilitação da Letras e para toda a USP, no âmbito da greve geral. Quando a direção do CAELL se limita a debater apenas a distribuição dentro da FFLCH, está na verdade sufocando a greve dentro da FFLCH e se submetendo a negociar com distribuir os poucos cargos que serão jogados como migalhas ao curso entre as disciplinas. Com isso, ajuda a extinguir a greve, e procura se apresentar alguma suposta “conquista” como um “saldo político” que lhe sirva de propaganda eleitoral nas próximas eleições de CA e DCE.